

## Palavras e gestos em memória de Jacques Geninasca



Jacques Geninasca, nascido em Friburgo, em 1930, faleceu no último dia 22 de maio de 2010, em Neuchatel, Suíça. Ele era semioticista da primeira geração do grupo de investigadores que se formou em torno de Algirdas Julien Greimas.

Geninasca conheceu Greimas em 1968, em Urbino, e tomou conhecimento das proposições da teoria geral da significação que, desde então, marcaram uma longa interlocução mantida com o grupo de colaboradores que, então, formava-se em torno do Seminário de Sémio-linguistique.

A contribuição de Jacques Geninasca destaca-se, em particular, por sua dedicação aos estudos de textos estéticos e textos literários a partir dos quais edificou uma consistente reflexão sobre a experiência estética, os processos de significação do objeto artístico que se encontra publicada em uma centena de artigos em revistas, coletâneas e, como autor individual, no livro intitulado: *La parole littéraire* (Paris: Presses universitaires de France, 1997).

Quando a última obra de Greimas, *Da imperfeição* (1987), era pensada em celebrações do legado de investigações que esse trabalho abriu em torno da figuratividade e da semiotização da experiência estética, a contribuição de Geninasca sobre o sensível na cotidianidade consistiu em ceder não um artigo para a coletânea, mas uma de suas aquarelas. A escolha foi um desafio e tanto, e recordo o entusiasmo com que o amigo

debatia conceitos fundantes da teoria atravessando as artes e a vida simples do dia a dia. Entre discussões acirradas sobre questões do sentido e os sentidos, deixei o meu atelier em Neuchatel com muitas ponderações para serem consideradas na tradução que fazia de *Da Imperfeição*. As muitas prosas e digressões foram acompanhando o contemplar junto um traço, um cromatismo, um arranjo espacial de figuras que, assim, direcionou-nos para longe dos escritos, nos desenhos, nas aquarelas que Jacques então conceituava e desenvolvia a teoria da significação. A paisagem de montanha abstrata foi a escolhida como uma das tantas fraturas, nas suas palavras: uma vista extraordinária, que é carregada de impressividade transformadora do estado do sujeito em seus percursos narrativos de uma vida vivida. Questão de resignificação do mundo, da semiótica que a paisagem pictórica estampa na capa do livro *Semiótica, estética, estesis* (A.C DE OLIVEIRA, E. LANDOWSKI e R. DORRA (Orgs.) publicação em co-edição da UAP, Puebla e EDUC, São Paulo, 1997).

Em continuidade a esse diálogo-desafio, pus-me a traduzir um dos seus mais instigantes artigos: “O olhar estético” (publicado anos depois na coletânea *Semiótica plástica*, org. por A.C. DE OLIVEIRA, São Paulo, Hacker-CPS, 2004). Apaixonado por grandes textos literários, em particular nesta análise é com *Sthendal* que Geninasca teoriza e debate com os autores, semioticistas ou de outras áreas do conhecimento, pois estamos diante de pensar a expressão do geólogo lado a lado à do artista sobre a visão das ondulações dos Apeninos.

Por outro lado, foi também grande a contribuição do autor para o estudo das parábolas que pode ser consultada em seu estudo publicado na coletânea: *Signs and Parables: Semiotics and Gospel Texts* (2004).

Por ocasião da fundação da Associação Internacional de Semiótica, em 1969, ocupou, na sua Diretoria, o cargo de Tesoureiro, no qual permaneceu até 1984, por ocasião do Congresso de Palermo, dando assim a sua contribuição para as várias correntes semióticas estabelecerem-se com um fórum de contato, troca e discussão.

Jacques Geninasca contribuiu para formar gerações de semioticistas em seu país, desde 1970, lecionando na Universidade de Zurique, como Professor adjunto. Em 1976, passou a professor Catedrático Extraordinarius e, em 1979, tornou-se professor Ordinarius, cargo que ocupou até 1995. Atuou ainda como docente, notadamente, na Itália, onde participou regularmente com a sua abordagem da semiótica modular nos seminários do Centro Internacional de Semiotica de Urbino, e foi também professor visitante na Universidade Sapienza de Roma. Como reconhecimento de seus alunos que se tornaram semioticistas-interlocutores atuantes nesses dois países indicamos o livro coletivo de reflexões sobre sua obra, organizado por Isabella Pezzini e Maria Pia Pozzato que se intitula: *Dialogo a sette voci. Intorno Allá semiótica letteraria di Jacques Geninasca* (2000 – ISBN: 88-392-0558-6).

Ao lado de sua carreira universitária, Geninasca manteve sua prática artística, dedicando-se à pintura ao longo de sua vida, prática sobre a qual refletiu com estudos sobre a problemática da imagem, do grande formato e da espacialidade pictórica.

Nos últimos quinze anos, após encerrar suas atividades docentes na Universidade de Zurique, Geninasca pode, enfim, dedicar-se integralmente à pintura, à colagem, à aquarela em seu atelier em Neuchatel ou na cidade italiana Vicenza, dois locais que o forçavam a se encontrar consigo mesmo e com as soluções de suas problemáticas. Uma parte dessas pinturas foi exposta na Itália e mereceu publicação em catálogo: “Le metafore della visione. Jacques Geninasca pittore”, organizada por Giuseppe Barbieri, Paolo Fabbri, Italo Furlan (2001, Ed. Terra Ferma - ISBN: 8887760179). Aproveito para destacar uma de suas obras pictóricas que figura na capa do catálogo :



Sem dúvida, diante desses espaços retangulares azuis, atravessam em paralelas esse traçado maior do semioticista suíço que era a sua grande capacidade de doar sentido, às pessoas queridas, aos objetos cultivados, aos lugares afetivos, aos textos estéticos complexos que era a sua vida sorvê-los em uma análise. Como um dos seus valores maiores, está a sua própria escolha de um corpus de obras ou de fragmentos dessas rigorosamente trabalhados por meio da análise estrutural, permitindo ao leitor vislumbrar no correr da leitura, os patamares de sua própria ascensão aos sentidos discursivamente explorados enquanto mundos dos criadores para a produção de efeitos extraordinários. Como muito bem esclarece Geninasca, “le sens que l’on donne, alors, au gré d’une intuition que patronnent un savoir ou des convictions partagés ou au terme d’un travail descriptif subordonné aux contraintes d’un modèle théorique, ne saurait coïncider avec le sens des choses et des êtres ou des discours dont l’immédiateté tient à notre double inscription dans un corps biologique et dans un corps social.” (JACQUES GENINASCA, “Quand donner du sens c’est donner forme intelligible”. In E|C, Rivista dell’Associazione italiana di studi semiotici, luglio, 2004, p. 1).

Assim é que esse fazer sentido dos textos estéticos complexos da arte, pintura, literatura encontrava sempre em seu alvo teleológico, que ele perseguia por meio do que

conceituou de “apreensão semântica” dos textos, uma apreensão rítmica, subjetiva, “apreensão impressiva”, que balizava o seu percurso intuitivo rumo à “racionalidade científica” para atingir “a racionalidade mítica” com as suas explicações da construção do sentido que nos encaminham à significação, envolvidos em torno de uma “vista magnífica” da esteticidade que nos devolve resignificados ao mundo.

Com Geninasca conclui-se que só à primeira vista o fazer sentido é obscuro e indecifrável. A impressividade estética que afeta sensivelmente o corpo como uma visão e uma vista norteiam o desbravamento dos processos significantes do sentido.

Com a entrevista que ele concedeu em Urbino, no ano 2006, podemos ouvir e ver Jacques Geninasca, abordando, além dos temas que destacamos, outros mais que lhe eram muito caros, tais como: a questão do método nas ciências humanas, a noção de espacialidade, de interdisciplinariedade, de ciência e método, de análise dos textos sincréticos. Estejamos com Jacques em “La semiótica tra rigore scientifico, analisi testuale e creazione pittorica” no endereço:

[http://www.archivesaudiovisuelles.fr/FR/\\_video.asp?id=1145&ress=3466&video=97408&format=68](http://www.archivesaudiovisuelles.fr/FR/_video.asp?id=1145&ress=3466&video=97408&format=68)

Com a nossa amizade e admiração, concluímos essa notícia de seu falecimento com um retorno à vida de suas idéias e à instigação das conceituações de Jacques Geninasca, que continuam fervilhantes nas explicações, nos caminhos e desafios.

ANA CLAUDIA DE OLIVEIRA  
(PPG de Comunicação e Semiótica – Puc-SP)